

J. R. Ward

NA SOMBRA DO DESTINO

Um romance da Irmandade da Adaga Negra
Volume VIII

Tradução
Luís Santos

Prólogo



ACAMPAMENTO DE GUERRA DO BLOODLETTER, PAÍS ANTIGO, 1644

*D*esejou ter mais tempo. Embora, a bem da verdade, o que poderia isso alterar? O tempo só era importante para quem fizesse alguma coisa dele, e ele já fizera tudo o que estava ao seu alcance.

Darius, filho natural de Tehrror, filho esquecido de Marklon, estava sentado no chão de terra com o diário aberto sobre o joelho e uma vela de cera à sua frente. Como iluminação, dispunha apenas da diminuta chama que se agitava com a corrente de ar e, como teto, tinha um canto de uma gruta. A roupa era feita de cabedal duro pronto para combate, com botas do mesmo material.

Nas narinas misturava-se o fedor do suor masculino e da terra com o aroma adocicado do sangue de mingunte em decomposição.

Cada inspiração parecia amplificar o mau cheiro.

Ao folhear as folhas de pergaminho regressou no tempo, recuando um dia de cada vez até já não estar no acampamento.

As saudades de «casa» provocavam-lhe uma dor física e via a estadia naquele acampamento como uma amputação e não como um internamento.

Crescera num castelo onde a elegância e a graciosidade eram a essência da vida. Atrás das muralhas sólidas que tinham protegido a sua família tanto dos humanos como dos minguentes, cada noite fora quente e fragrante como as de julho, com os meses e os anos a passar com tranquilidade e ócio. As cinquenta divisões que habitualmente percorria tinham sido decoradas com sedas e cetins e ostentavam mobílias feitas de madeiras nobres e tapetes tecidos ao invés de junco. Tinham pinturas a óleo que brilhavam nas suas molduras douradas e estatuária de mármore em poses dignas, um cenário de platina onde se ancorava uma existência de diamante.

Seria assim impensável que poderia vir a encontrar-se onde estava naquele momento. Contudo, verificara-se uma fraqueza crucial na base dessa sua vida.

O coração da mãe garantira-lhe o direito de estar debaixo daquele teto e abrigado em tal lar. E, quando esse órgão afetuoso e vital se detivera no peito dela, Darius perdera não só a mahmen que o dera à luz como também o único lar que alguma vez conhecera.

O padraсто expulsara-o e relegara-o para ali, expondo assim e dando largas a uma inimizade há muito oculta.

Não houvera tempo para fazer luto pela mãe. Não tivera oportunidade de se interrogar quanto ao súbito ódio por parte do macho que só não fora seu pai biológico. Não pudera lamentar a perda da identidade que fora sua enquanto macho de boa linhagem no seio da glymera.

Fora largado na entrada daquela gruta qual humano vítima de peste. E as batalhas tinham começado sem nunca antes ter visto um minguento ou sequer iniciado os treinos para combater os mata-dores. Durante a primeira noite e dia no acampamento fora atacado por camaradas instruendos, que viam as suas belas roupas, as únicas que lhe tinham autorizado a levar consigo, como prova da sua fraqueza.

Durante essas horas sombrias não os surpreendera só a eles, surpreendera-se também a si próprio.

Foi então que soubera, a par de todos eles, que, embora tivesse sido educado por um macho aristocrático, no sangue de Darius corriam os elementos de um guerreiro. Com efeito, não se tratava apenas de um soldado. Não, ele era um Irmão. Sem que lhe tivesse sido ensinado, o seu corpo soubera o que fazer e reagira à agressão física com gestos temíveis. Mesmo enquanto a mente se debatia com a brutalidade das ações, as suas mãos, pés e presas sabiam exatamente o que fazer.

Darius tinha um outro lado, um lado desconhecido e irreconhecível... um lado que, de certa forma, lhe parecia mais «ele» do que o reflexo que durante tanto tempo vira ao espelho.

Com o tempo, a sua luta tornara-se ainda mais competente... e o horror que sentia por si próprio diminuía. Isso porque, na verdade, não havia mais nenhum caminho a seguir. A semente do verdadeiro pai, do pai deste e do antepassado do avô tinha-lhe determinado a pele, os ossos e os músculos, com a linhagem pura de guerreiro a transformá-lo numa força poderosa.

E num adversário perigoso e mortífero.

Com efeito, sentia-se perturbado por ter essa outra identidade. Era como se lançasse duas sombras sobre o chão que pisava, como se onde quer que se encontrasse tivesse duas fontes luminosas distintas a iluminar-lhe o corpo. E mesmo assim, embora agir de forma tão desprezível e violenta lhe ofendesse a sensibilidade inculcada, Darius sabia que isso fazia parte do objetivo mais elevado que era seu destino cumprir. Além de o ter salvo vezes sem conta... daqueles que tentavam prejudicá-lo no acampamento e daquele que parecia desejar vê-los a todos mortos. Sim, o Bloodletter deveria ser o tuthor deles, mas agia mais como um inimigo enquanto os instruía nas artes da guerra.

Ou talvez fosse esse o objetivo. Qualquer das facetas da guerra era feia, tanto na preparação como na participação.

Os ensinamentos do Bloodletter eram brutais e os seus ditames sádicos exigiam ações nas quais Darius não queria participar. Com efeito, Darius era sempre o vencedor das competições entre instruen-

dos... mas não participava da violação que era o castigo infligido aos derrotados. Era o único cuja recusa era aceite. Essa negação fora certa vez posta em causa por Bloodletter e, quando Darius quase o espancara, o macho não voltara a aproximar-se.

Aqueles que perdiam às mãos de Darius, onde se contavam todos os elementos presentes no acampamento, eram castigados por outros e era nesses momentos, quando o resto dos machos se ocupava com o espetáculo, que ele se refugiava no seu diário. Naquele momento, nem sequer suportaria olhar na direção da fogueira principal, pois decorria uma das sessões de castigo.

Detestava que tivesse mais uma vez levado a tais acontecimentos... mas não tinha escolha. Tinha de treinar, tinha de lutar e tinha de vencer. E o resultado final dessa equação era ditado pela lei de Bloodletter.

Da fogueira chegavam gemidos e urros vigorosos de irrisão.

Sentiu um aperto no coração ao ouvir os sons e fechou os olhos. O indivíduo que executava o castigo no lugar de Darius era um macho perverso, em tudo semelhante a Bloodletter. Era habitual servir de substituto, já que gostava tanto de administrar dor e humilhação como do seu hidromel.

Mas talvez deixasse de ser assim. Pelo menos para Darius.

Naquela noite daria provas em combate. Depois de ter sido treinado durante um ano sairia não só com guerreiros, mas com Irmãos. Era uma honra rara – e sinal de que a guerra com a Sociedade dos Minguantes era, como sempre, terrível. A perícia inata de Darius fora notada e Wrath, o Rei Justo, decretara que ele seria levado do acampamento e desenvolvido ainda mais pelos melhores combatentes da raça vampira.

A Irmandade da Adaga Negra.

Porém, tudo poderia ser em vão. Se naquela noite se revelasse meramente capaz de treinar e de pelejar com os outros da sua laia, voltaria a ser confinado àquela gruta, onde o esperaria mais «ensinamentos» ao estilo de Bloodletter.

Nunca voltaria a ser testado pelos Irmãos, sendo relegado para o serviço como guerreiro.

Só se tinha uma oportunidade com a Irmandade e o teste naquela noite banhada pelo luar não teria a ver com estilos de combate, nem com armas. Era um teste de coragem. Seria capaz de fitar os olhos pálidos do inimigo, cheirar-lhes o aroma doce e manter-se calmo enquanto o corpo agia contra os matadores.

Os olhos de Darius ergueram-se das palavras que registara no pergaminho há toda uma vida. Na entrada da gruta via-se um grupo de quatro homens, todos imponentes e fortemente armados.

Os membros da Irmandade.

Conhecia o quarteto pelos nomes: Ahgony, Throe, Murhder, Tohrture.

Darius fechou o diário, introduziu-o numa fenda na rocha e lambeu o golpe que fizera no pulso para criar «tinta». A pena da cauda de um faisão que usava para escrever deteriorava-se rapidamente, mas, mesmo sem saber se regressaria para a usar mais uma vez, guardou-a.

Ao pegar na vela e levá-la à boca meditou sobre a qualidade agradável da luz. Passara tantas horas a escrever com aquela iluminação tão suave... era como se fosse a única ligação entre a vida passada e a existência presente.

Apagou a chama diminuta com um único sopro.

Levantou-se e reuniu as armas: uma adaga de aço que recebera ao ser retirada do corpo a esfriar de um instruendo morto e uma espada do armeiro comunal de formação. Nenhum dos punhos fora feito para se adaptar à sua palma, mas a mão que as empunhava não se importava.

Enquanto os Irmãos o fitavam, sem qualquer cumprimento ou rejeição, Darius desejou que entre eles se encontrasse o pai verdadeiro. Como tudo seria diferente se ao lado tivesse alguém que se importasse com o seu desfecho: Não pedia quartel, nem ansiava por privilégios, mas encontrava-se sempre sozinho, afastado de quem o

rodeava, separado por uma barreira que o deixava ver, mas nunca transpor.

Viver sem família era uma prisão estranha e invisível, com as barras da solidão e da ausência de raízes a fecharem-se cada vez mais, à medida que os anos e a experiência se acumulavam, isolando um macho de tal forma que o deixava incapaz de tocar e impossível de ser tocado.

Ao dirigir-se para os quatro que tinham vindo por ele, Darius não olhou para o acampamento. Bloodletter sabia que ele estava de partida para o campo de batalha e não se importava com o seu regresso. O mesmo pensavam os outros instruendos.

Enquanto se aproximava, desejou ter mais tempo para se preparar para tal teste de vontade, força e coragem. Contudo, o momento chegara.

Com efeito, o tempo avançava imparável, mesmo que se quisesse abrandá-lo.

Detendo-se à frente dos Irmãos, ansiou por uma palavra de ânimo, um desejo de felicidades ou um voto de fé por parte de alguém. Não o recebendo, ofereceu uma breve prece à sagrada mãe da raça:

Querida Virgem Escrivã, não deixeis que falhe nesta minha empresa.

Capítulo 1



Mais uma malfadada borboleta. Quando R.I.P. viu o que lhe entrava à porta do salão, percebeu que ia acabar por fazer mais uma borboleta de merda. Ou duas.

Pois é. Tendo em conta o par de louras altas de aparência fútil que se aproximava da rececionista por entre risadinhas, de certeza que não lhes ia gravar nada do género caveiras e ossos na pele.

Aquelas Paris Hilton e sua excitação ai-somos-tão-mazinhas levaram-no a olhar para o relógio... e a desejar que fechasse as portas naquele momento e não à uma da manhã.

Porra... as merdas que fazia por dinheiro. Regra geral, conseguia pensar *pois, está bem*, em relação aos fracotes que lá chegavam para serem marcados, mas, naquela noite, as ideias brilhantes com origem na cabecinha de meninas bonitas estavam a irritá-lo. Era difícil invocar qualquer tipo de entusiasmo quanto a uma Hello Kitty depois de ter passado três horas a fazer um retrato comemorativo num motoqueiro que perdera o melhor amigo num acidente rodoviário. Um dos trabalhos era a vida real, o outro não passava de um cartune.

Mar, a rececionista, aproximou-se dele.

- Tens tempo para uma rapidinha? - As sobranceiras com *piercings* ergueram-se ao mesmo tempo que ela revirava os olhos.

- Não deve demorar muito.

- Certo. - Acenou com a cabeça na direção da cadeira almo-fadada. - A primeira que venha sentar-se.

- Elas querem fazê-lo juntas.

Tal como seria de esperar.

- Está bem. Vai buscar o banco às traseiras.

Enquanto Mar desaparecia atrás de uma cortina e R.I.P. se preparava para o trabalho, as duas raparigas junto à caixa registadora deram as mãos e passaram os olhos desatentos pelos impressos de autorização que tinham de assinar. De vez em quando, as duas lançavam-lhe olhares arregalados, como se com as suas tatuagens e metal espalhados pelo corpo fosse um tigre exótico que elas tivessem ido apreciar ao jardim zoológico... um animal que aprovavam sem reservas.

Pois. Está bem. Mais depressa cortaria os tomates do que as foderia, nem que fosse por pena.

Depois de lhes aceitar o dinheiro, Mar levou-as até R.I.P. e apresentou-as como sendo Keri e Sarah. Menos mal. Estava à espera de qualquer coisa na linha de Tiffany e Brittney.

- Quero uma carpa arco-íris - declarou Keri, sentando-se na cadeira com o que esperava claramente fosse um arquear excitante. - Aqui.

Puxou a camisola justa, abriu o fecho das calças e baixou o topo da tanga cor de rosa. No umbigo tinha pendurada uma argola com um coração de cristal rosado e tornou-se óbvio que era apreciadora da depilação completa.

- Certo - anuiu R.I.P. - De que tamanho?

Keri, *a Sedutora*, pareceu desinchar um pouco, como se a certeza absoluta de uma taxa de êxito a cem por cento entre os jogadores de futebol universitário a tivessem levado a pensar que o tatuador ficaria babado com os bens que ela lhe estava a revelar.

- Ah... não muito grande. Os meus pais matavam-me se soubessem que estava a fazer isto... por isso tem de ficar tapada com a cueca de um biquíni.

É claro.

- Cinco centímetros? - Ergueu a mão tatuada para dar à jovem um ponto de referência quanto à dimensão.

- Talvez... um pouco menos.

Com uma caneta preta, R.I.P. desenhou um esboço na pele da rapariga e, depois de esta lhe pedir que não saísse das linhas, o artista calçou as luvas negras, escolheu uma agulha nova e ligou a máquina.

Keri não precisou de mais de um segundo e meio para começar a verter lágrimas e agarrar a mão de Sarah como se estivesse a dar à luz sem epidural. Bem feitas as contas, era essa a grande diferença. Havia uma divisão vincada entre o incondicional e o pretense. Borboletas, peixes e coraçõezinhos não eram...

A porta do salão escancarou-se... e R.I.P. endireitou-se no banco de rodinhas.

Os três homens que entraram não envergavam fardas militares, mas não eram, de todo, civis. Vestidos de cabedal preto desde os blusões às calças e às botas de biqueira de aço, eram homens grandes que atraíam as paredes do salão e faziam com que o teto se encolhesse um pouco. Os blusões ocultavam muitas protuberâncias produzidas por armas e talvez por facas.

Com um gesto discreto, R.I.P. moveu-se na direção do balcão de atendimento, onde se encontrava o botão do alarme de emergência.

O indivíduo da esquerda tinha olhos de cores diferentes, *piercings* de bronze e o olhar gelado de um assassino. O homem da direita ostentava um aspeto mais próximo do comum, com uma carinha bonita e cabelo ruivo - salvo pelo facto de ter a pose de alguém que estivera na guerra e sobrevivera.

O gigante do centro, todavia, era sinónimo de problemas. Um pouco mais alto que os companheiros, tinha cabelo castanho-escuro curto e o proverbial rosto atraente, mas os olhos azuis pareciam inertes, com tanto reflexo como o alcatrão velho.

Um morto a andar. Sem nada a perder.

- Oi - disse R.I.P., à laia de cumprimento. - Vocês querem tinta?

- Ele quer. - O indivíduo de *piercings* acenou com a cabeça na direção do companheiro de olhos azuis. - E trouxe o desenho. É para o ombro.

R.I.P. permitiu que os instintos sopesassem o projeto. Os homens não tinham olhado Mar de forma pouco própria. Não avaliaram a caixa registadora, nem levaram as mãos às armas. Aguardaram educadamente, ainda que expectantes. Davam a entender que ou R.I.P. fazia o que eles queriam ou iriam em busca de alguém que o fizesse.

Voltou à posição de trabalho, pensando que aqueles indivíduos estavam na mesma onda.

- Okay. Já não demoro muito.

Atrás do balcão, Mar começou a fazer notar o horário.

- Era suposto fecharmos daqui a menos de uma hora...

- Mas faço o trabalho - atalhou R.I.P., dirigindo-se ao indivíduo do centro. - Não se preocupem com as horas.

- E eu acho que também vou ficar - ofereceu Mar, mirando o homem dos *piercings*.

As mãos do homem de olhos azuis ergueram-se e moveram-se com gestos claros. Ao terminar, o dos *piercings* traduziu.

- Ele agradece. E, caso não haja problema, trouxe a sua própria tinta.

Não era propriamente habitual, além de ir contra as normas de saúde, mas R.I.P. não tinha problemas em mostrar-se flexível com o cliente certo.

- Okay.

Voltou ao trabalho no peixe e Keri regressou às dentadas no lábio e aos gemidos de menina. Quando R.I.P. terminou, não ficou surpreso por Sarah, que acabara de assistir à «agonia» da amiga, ter pedido o reembolso do dinheiro em vez de se sujeitar ao seu próprio desenho policromático.

E ainda bem. Isso significava que podia dedicar-se de imediato ao trabalho com o indivíduo de olhos sem expressão.

Enquanto tirava as luvas pretas e se lavava, R.I.P. pensou em como seria o desenho que o esperava e quanto tempo demoraria Mar a meter-se nas calças do homem dos *piercings*.

A resposta à primeira questão seria muito bom.

Quanto à segunda... dar-lhe-ia cerca de dez minutos, pois ela já lhe captara o olhar desempareirado e Mar era bastante competente - e não só com o trabalho ao balcão.

Do outro lado da cidade, longe dos bares e dos salões de tatuagens de Trade Street, num enclave de moradias e de avenidas empedradas, Xhex estava à janela e fitava a rua através das vidraças foscas antigas.

Estava nua, sentia frio e estava cheia de hematomas.

Mas não estava enfraquecida.

Lá em baixo, no passeio, uma fêmea humana andava com um cão pequeno barulhento pela trela e o telemóvel encostado ao ouvido. Do outro lado, os ocupantes dos outros prédios elegantes comiam, bebiam e liam. Na estrada passavam carros em marcha lenta, tanto por respeito aos vizinhos como por recearem os danos na suspensão que poderiam ser provocados pelo piso irregular.

Os *Homo sapiens* não a viam, nem ouviam, e não só por as capacidades dessa raça serem tão diminutas quando comparadas com as dos vampiros.

Ou, no caso dela, vampiros meio *sympath*.

Mesmo que acendesse a luz e gritasse até ficar sem voz ou que agitasse os braços até que estes lhe caíssem do tronco, os homens e mulheres das redondezas prosseguiriam com os seus afazeres, alheios ao facto de ela se encontrar presa naquele quarto, mesmo no meio deles. E também não podia agarrar na secretária ou na mesa de cabeceira e partir o vidro, nem sequer derubar a porta ao pontapé, ou rastejar pelo respiradouro da casa de banho.

Já tentara tudo isso.

A assassina que havia dentro dela não podia deixar de se sentir impressionada com a natureza abrangente da cela invisível: literalmente, não havia como contorná-la, atravessá-la ou sair dela.

Virou costas à janela e contornou a cama de casal enorme, com os seus lençóis de seda e recordações terríveis... passou ao largo da casa de banho de mármore... e depois à frente da porta que dava acesso ao corredor. Não que precisasse de mais exercício, tendo em conta a forma como corriam as coisas com o seu captor, mas não era capaz de ficar quieta, sentindo o corpo impaciente e a formigar.

Já antes estivera numa situação em que se vira obrigada a fazer coisas contra a sua vontade. Sabia como a mente, qual corpo esfaimado, se canibalizava passado algum tempo caso não recebesse algo com que se entreter.

A sua distração preferida era a mistura de bebidas. Tendo passado anos a trabalhar em clubes, conhecia inúmeros *cocktails* e misturas e passou-os em revista, imaginando as garrafas e os copos, o despejar, o gelo e as especiarias.

A repetição da baristopédia mantivera-a sã.

Até então contara com um erro, um deslize, uma oportunidade de fuga. Nada surgira e essa esperança começara a desvanecer-se, expondo no seu lugar um buraco negro enorme que ameaçava consumi-la. Continuava, por isso, a preparar bebidas na sua imaginação e à procura de uma deixa.

Estranhamente, as suas experiências passadas ajudaram-na. Acontecesse o que acontecesse ali, por pior que se tornasse, por mais que a magoasse fisicamente, não era nada quando comparado com aquilo por que já passara.

Estava numa situação secundária.

Ou pelo menos assim queria acreditar. Por vezes, sentia-se pior.

Continuou a andar, passando pelas duas janelas à frente, pela secretária e voltando a contornar a cama.

Desta vez entrou na casa de banho. Não havia lâminas, escovas ou pentes, apenas toalhas húmidas e um sabonete ou dois.

Quando Lash a raptara, servindo-se do mesmo tipo de magia que a mantinha naqueles aposentos, levava-a para a sua casa elegante e o primeiro dia e noite juntos fora indicativo do que viria a passar-se.

Viu-se no espelho sobre o lavatório duplo e analisou friamente o corpo. Estava coberta de hematomas... tinha também golpes e arranhões. Lash era brutal no que fazia e Xhex respondia, pois não iria deixar que a matasse – por isso mesmo tornava-se difícil identificar o que fora feito por ele e o que fora resultado do que fizera ao sacana.

Apostava que, se ele se pusesse nu à frente de um espelho, não teria melhor aspeto.

Olho por olho.

O corolário infeliz era que ele gostava que lhe respondessem à letra. Quanto mais guerreavam, mais ele se excitava e Xhex apercebeu-se de que Lash se surpreendia com as emoções que sentia. Durante os primeiros dias, ele estivera em modo de punição, tentando fazê-la pagar pelo que ela fizera à sua última namorada – era óbvio que as balas que ela enfiara no peito da cabra o tinham deixado fora de si. Mas depois as coisas mudaram. Lash começara a falar cada vez menos acerca da ex e mais